



74th Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Generation

YOUNG HEARTS

O PRIMEIRO AMOR

UM FILME DE ANTHONY SCHATTEMAN

**NAS SALAS
DE CINEMA
26 FEVEREIRO**



Elias sente-se atraído pelo seu novo vizinho, Alexander. Rapidamente percebe que está verdadeiramente apaixonado pela primeira vez. As interações com os amigos e a família trazem mais perguntas do que respostas.

Confuso com estes sentimentos emergentes, Elias tenta organizar o seu caos interior e provar que é digno do coração de Alexander.



NOTA DO REALIZADOR

A vontade de contar esta história nasce de uma perspetiva pessoal. É baseada na minha vida e acredito que possa ser relevante para muitas pessoas hoje. Vivi uma infância bastante difícil, marcada pela insegurança em relação à minha sexualidade. Como não obtive respostas a muitas perguntas — nem em casa, nem na escola — vivi um conflito interno e acabei por me esconder das pessoas à minha volta. Isto implicou muitos segredos e mentiras, porque tinha medo de que se envergonhassem de quem eu era.

Young Hearts - O Primeiro Amor é sobre um rapaz — tal como eu fui — que não sabe como lidar com a sua sexualidade a despontar.

No meu caminho para a vida adulta, dei por mim a procurar filmes e livros sobre este tema. *Young Hearts - O Primeiro Amor* é o filme que eu queria ter visto nessa altura, mas este tipo de filmes simplesmente não existia! Está na altura de criar consciência sobre o assunto: o amor é universal e cada um deve seguir o seu coração. As gerações antes de nós não o puderam fazer, e espero que *Young Hearts - O Primeiro Amor* provoque nem que seja a mais pequena mudança.

Young Hearts sugere de forma verdadeira o som agudo por trás da aparência suave do cotidiano.

O filme entrega-se a uma fantasia de ruralidade do Norte da Europa onde a liberdade da infância é garantida por uma parentalidade que deixa as crianças livres e bicicletas que nunca precisam de ser trancadas. Neste mundo, ir para a escola envolve pedalar por entre vacas bonitas e bancas de fruta celestial, com paragens para segurar leitões e nadar num lago. Aqui, o pior acto de bullying surge na forma de um desenho de um pénis numa fotografia de Elias publicada no jornal local. É suficiente, no entanto, para sugerir que algo agudo ferve por trás da fachada tranquila da vida quotidiana. Apesar de toda a aparência de coexistência harmoniosa, o despertar do amor queer desencadeia em Elias uma agonia insuportável.

Através dos olhos extraordinariamente expressivos de Goossens, vemos como até mesmo o arranjo doméstico ou social mais favorável pode desmoronar-se perante o desejo. Não há muitos indícios de que alguém repreenderia Elias se ele articulasse os seus sentimentos por Alexander ao seu entorno de amigos. Mas algo naquela relação ainda o consome por dentro.

É mais do que simples vergonha. O rosto de Goossens, quase congelado pela luta entre anseio e resistência, sugere que o corpo de um rapaz de 14 anos não poderia conter a enormidade — e os efeitos desestabilizadores — do amor romântico. *Young Hearts* também enfatiza a dessincronização entre a fantasia de uma sociedade segura e ordeira e o caos que o desejo inevitavelmente causa.

Visto com ternura, o filme de Anthony Schatteman oferece a rara oportunidade de nos entregarmos a uma fantasia em que os riscos do amor queer se tornarem públicos são anódinos, mesmo insignificantes, deixando também espaço para uma crítica casual ao que poderíamos chamar de parentalidade nórdica, onde as crianças desfrutam de tanta autonomia mas também ficam entregues a si próprias.

Sentimentos ambivalentes apodrecem dentro de Elias, manifestando-se em forma física nos momentos mais raros, como quando o rapaz parte o disco

de ouro emoldurado do seu pai ou empurra um amigo para o chão por ciúmes de Alexander. Em *Young Hearts*, o brilho da aceitação é tão espesso que silencia as contradições inevitáveis que bombeiam no coração humano.

O papel fundamental neste contexto é o do avô de Elias, Fred (Dirk van Dijck), no qual Elias encontra um tipo especial de amor incondicional. O homem também usa a sua dor de forma nua e crua, visto que ainda está a lamentar a perda da avó de Elias, e é através da sua vulnerabilidade partilhada que se liga ao rapaz. Quando o coração de Elias dói por causa dos altos e baixos com Alexander, Fred simplesmente o acalenta nos seus braços, recordando a cena de *Call Me By Your Name* em que o pai de Elio ensina sobre o amor encorajando-o a amar apesar de tudo. Aqui, quando o adulto diz à criança que tudo acabará por correr bem, e que não importa quem amam, não é uma questão de mera retórica. É um momento verdadeiro e sóbrio que parece um acto de reparação.

Diego Semerene, Março 2025, Slant Magazine



ENTREVISTA COM O REALIZADOR

ANTHONY SCHATTEMAN

Young Hearts – O Primeiro Amor liga-se à tua curta de final de curso, *Kiss Me Softly* (2012). Nesse filme os protagonistas tinham 17 anos, mas, neste caso, Elias e Alexander têm apenas 14. Porque decidiste falar de uma idade diferente?

Kiss Me Softly foi inspirado pela relação com o meu pai. *Young Hearts – O Primeiro Amor* é mais uma história “young adult” sobre dois rapazes. Espero que as pessoas o vejam simplesmente como uma história de amor, uma história sobre apaixonarmos pela primeira vez. Sobre ter coragem para seguir o coração e arriscar. É sobre aquelas emoções intensas e assustadoras que todos já sentimos.

Durante muito tempo, eu achava que era o único no meu meio que sofria quando era adolescente. Até que a minha avó, que hoje tem 97 anos, me contou que aos 13 anos também não sabia quem tinha de ser. Cresceu numa família abastada, mas sentia-se deslocada porque queria ser cantora — e tinha medo de o admitir. É uma história universal, de todos os tempos.

Este é o teu primeiro filme de longa-metragem. Soubeste logo como contar a história?

Eu sabia que queria fazer o filme que eu gostaria de ter visto quando era novo. Não havia histórias sobre jovens a viver o amor de forma puramente romântica. Então peguei em tudo o que senti naquela idade e que gostaria de ter visto. Ou que devia ter visto. Incluindo todos os clichés.

Sou um grande fã deste tipo de histórias emocionais. *Titanic* é o meu filme preferido. Esse é o tipo de cinema que eu quero fazer — mas de uma forma que qualquer espectador consiga apreciar.

Como encontraste os dois jovens protagonistas, Lou Goossens e Marius De Saeger?

Tinham de ser atores capazes de nos convencer de que estavam simplesmente apaixonados — e não a pensar em sexo. Por isso fizemos um casting aberto. Vimos 1500 rapazes, 150 por dia, em grupos de 10. Parece muito, mas percebe-se rapidamente quem tem mais aptidão.

Fui ajudado por Oliver Roels, um amigo meu que é terapeuta infantil e psicólogo. Ele criou uma espécie de jogo introdutório com os jovens. Reduzimos o grupo para 20 e muitos deles entram no filme em papéis menores. Mas ainda não tinha encontrado os protagonistas.

O Marius, que interpreta Alexander, encontrei-o a jogar futebol na sua escola, em Bruxelas. Ele transmitia uma enorme sensação de liberdade. E o Lou apareceu “milagrosamente” numa das rondas de casting seguintes.

Convidei o Marius e nove potenciais “Elias” para perceber qual era a melhor combinação. E os dois encaixaram imediatamente. O melhor foi que nesse dia convidei um grande amigo, Lukas Dhont (realizador de *Girl* e *Close*), e pedi-lhe que escrevesse dois nomes. Ele concordou com a minha escolha.

Como lidaste com o tema de se apaixonarem, com aqueles rapazes?

Durante o casting só revelámos que era uma história de amor. A primeira conversa sobre esse tema com o Lou e o Marius deixei-a para o Oliver. Eu não estive presente, porque não queria colocar pressão nos rapazes.

Enquanto psicólogo infantil, o Oliver sabia conduzir aquela conversa. Ele também consegue perceber se um jovem está preparado ou não. Tanto o Lou como o Marius disseram que não estavam propriamente a pensar se gostavam de rapazes ou raparigas. Queriam participar no filme porque era sobre apaixonarmo-nos.

Há, claro, um beijo, e esse foi um momento tenso para eles. Dirigi-os em colaboração com o Oliver, porque sabíamos que não seria fácil. Não se deve subestimar isso, mesmo que o filme seja doce e esperançoso. Também tivemos muitas conversas com os pais.

O filme tem muitos elementos autobiográficos. Tal como o pai do Elias, o teu pai também era um *crooner* de sucesso. Que memórias tens disso?

Sempre me interessei pelo mundo do espetáculo porque cresci nele. Eu tinha oito anos quando o duo onde o meu pai cantava venceu um concurso de talentos na televisão. Cantaram *Amigos per siempre*, de José Carreras e Sarah Brightman.

Cantavam canções sentimentais sobre a vida. Na minha curta e também em *Young Hearts – O Primeiro Amor*, transformei-o num cantor de música “schlager”, porque queria dar-lhe um sabor tipicamente flamengo. Mas sim: coloquei muito de mim e da minha família no filme. Quase tudo tem algo pessoal. Por isso rodeei o protagonista de pessoas positivas, de várias gerações.

Além disso, filmaste na tua aldeia natal. Como foi?

Voltei a viver durante dois meses na casa do meu pai, a dormir no mesmo quarto onde dormia em criança. Foi muito terapêutico. (Risos)

O curioso é que o montador e a equipa de pós-produção nos Países Baixos disseram que eu tinha criado uma espécie de mundo de conto de fadas — quando quase todos os locais são simplesmente a minha aldeia. A rua onde o Elias vive é a minha rua. A escola é a minha escola. Eu fazia o mesmo caminho de bicicleta e também nadava naquele rio.

Queria acrescentar algo autêntico e nostálgico ao filme: essa sensação de juventude e despreocupação. *Young Hearts – O Primeiro Amor* passa-se hoje, mas se tirarmos os smartphones, podia perfeitamente passar-se no início do século.

O filme integra a secção *Generation Kplus* da Berlinale. O que significa para ti?

É como voltar a casa. Com o meu parceiro anterior vivi três anos em Berlim, em Neukölln. Voltei para a Bélgica há três anos, mas deixei o coração em Berlim.

Foi lá que encontrei uma sensação de liberdade que não senti noutra parte. Estás rodeado de pessoas que também procuram liberdade. Há muitos artistas. Isso acrescenta vida e “joie de vivre” à cidade. É por isso que Berlim é agora vista como a “Paris antiga”.

Berlim abriu-me os olhos para o mundo. Por isso é mesmo incrível poder fazer lá a grande estreia com os meus amigos. A Berlinale é, por si só, um evento muito significativo para mim.



“Porque é que a morte é o único horizonte cinematográfico das personagens gays e trans?” No dia 8 de fevereiro, o cineasta Antoine Barraud (*Madeleine Collins*) meteu os pés na poça numa tribuna publicada no site do jornal *Libération* a propósito de alguns filmes queer recentes. Aponta, em particular, os dois filmes do belga Lukas Dhont, *Girl* (2018) e *Close* (2022), pelo seu imaginário mortífero. “Estas imagens, terríveis, são insuportáveis para estes corpos tão jovens, tão cheios de vida, que não pedem uma sentença, mas o direito de viver”, escreve. Mesmo antes da publicação deste texto, Lukas Dhont talvez já tivesse antecipado a crítica. É, de resto, um dos consultores do argumento de *Young Hearts*, primeiro filme de um dos seus amigos, Anthony Schatteman, que propõe um olhar totalmente diferente sobre a descoberta da homossexualidade. Mais doce, mais solar. O realizador flamengo confessa que realizou aqui o filme que ele próprio teria gostado de ver quando era mais novo.

Quando a história começa, Elias (14 anos), com uma família unida e um bom grupo de amigos, vê o seu equilíbrio pacífico perturbado pela chegada de Alexander, um rapaz da mesma idade que assume a sua preferência por rapazes. *Young Hearts* acompanha com delicadeza este sentimento nascente. Desde o primeiro olhar de Elias para Alexander lê-se no seu rosto uma certa perturbação. Rapidamente, a relação entre os dois torna-se cúmplice, mistura de atração e fascinação. O filme alterna entre momentos em que Elias e Alexander, sozinhos, exploram livremente a relação, e cenas em grupo em que cada um retorna a uma configuração mais rígida. Mas, salvo uma exceção, a homofobia não se manifesta de forma explícita. O essencial permanece interiorizado.

E *Young Hearts* consegue fazer viver esse turbilhão que acontece abaixo da superfície. Anthony Schatteman transforma os olhos azuis de Elias num personagem por si só: lê-se no seu rosto - e nos olhares que trocam com quem o rodeia — os seus questionamentos e conflitos. Nesta atração por outro rapaz, está em jogo simultaneamente incompreensão, medo do julgamento e receio de rejeição. O filme é antes de mais um longo percurso tortuoso e comovente rumo a uma forma de aceitação de si próprio. Mas essa aceitação não pode acontecer isoladamente. *Young Hearts* faz do olhar do outro um elemento central, à imagem de Luk, o pai de Elias, cantor de música popular ocupado a olhar para si próprio, e da família calorosa de Alexander, que recebe os dois rapazes de braços abertos durante uma escapadela a Bruxelas, ajudando a quebrar o não-dito. Os modelos benevolentes são essenciais – tal como uma cultura que incentive a expressão destes primeiros émos amorosos, que sejam ditos, ouvidos, aceites e não ridicularizados. Embora alguns possam ser desencorajados pelo sentimentalismo do filme, *Young Hearts* parece querer dizer-nos que é urgente celebrar o amor em vez de olhar para a morte.

Boris Bastide, Fevereiro 2025, Le Monde





"A história de amor adolescente queer e de bom coração de Anthony Schatteman, "Young Hearts", é aquilo que Lukas Dhont pensava estar a fazer com "Close". Enquanto "Close" usou a dor queer para, de forma manipuladora, arrancar compaixão, "Young Hearts" parece realmente preocupar-se com os seus jovens protagonistas.

Doce e sincero, este é o tipo de filme que é fácil acolher, porque compreende que crescer é, por natureza, traumático. Não precisa de ser excessivamente dramatizado."

Robert Daniels, Março 2025, rogerebert.com



FICHA TÉCNICA

Young Adult

Bélgica / Países Baixos, Neerlandês / Francês,
97 minutos, 2024 ,1.85:1

ELENCO

ELIAS Lou Goossens

ALEXANDER Marius De Saeger

LUK / PAI Geert Van Rampelberg

NATHALIE / MÃE Emilie De Roo

FRED Dirk Van Dijck

VALERIE Saar Rogiers

LINE Ezra Van Dongen

MAXIME Jul Goossens

MARC Olivier Englebert

TONY Wim Opbrouck

PIA Florence Hebbelynck

LUKAS Jill Malfroot

LIZE Cassie Alcendor

MATTEO Samba Thiam

MIEKE Sam Michiels

LORE Marie Gevaert

ARGUMENTO E REALIZAÇÃO Anthony Schatteman

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA Pieter Van Campe

DIREÇÃO ARTÍSTICA Kato Bulteel

FIGURINOS Gudrun Wylleman

MAQUILHAGEM Jacqueline Hoogendijk

CASTING Chinouk Meurer

DRAMATURGIA Sien Josephine Teijssen

DESIGN DE SOM Olivier Roels

MONTAGEM Rosanne Blokker

MÚSICA ORIGINAL Meghan Van der Meer

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Emiel Nuninga

1.º ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO Ruben De Gheselle

SOM (CAPTAÇÃO) Jan Ryvers

PRODUTOR Jeff Theys

COPRODUTORES Xavier Rombaut (Polar Bear – BE), Floor Onrust (Family
Affair Films – NL), Annabella Nezri (Kwassa Films – BE)

BIOGRAFIAS

Lou Goossens (Elias)

Lou Goossens nasceu em 2009, em Opdorp, Bélgica. Está envolvido em projetos audiovisuais desde os dez anos. O seu papel em *Young Hearts - O Primeiro Amor* assinala a sua estreia num papel principal numa longa-metragem. Em 2024, irá também participar em *Moresnet*, uma série belga realizada por Frank Van Passel.

Marius De Saeger (Alexander)


Marius De Saeger, nascido em 2009, em Bruxelas, Bélgica, frequenta atualmente estudos de Word Art e Drama na Escola de Artes de Bruxelas. Em 2021, participou no programa anual do teatro Bronks, onde demonstrou o seu talento. Em 2022, subiu ao palco na produção teatral *Zombie*, uma coprodução do Bronks com a Montagne Magique. O seu papel em *Young Hearts - O Primeiro Amor* marca a sua estreia em longas-metragens.

Anthony Schatteman (realizador)

Anthony Schatteman (1989) formou-se na KASK School of Arts, em Gant, tendo posteriormente obtido um mestrado adicional em Estudos de Cinema e Cultura Visual na Universidade de Antuérpia. O universo dos jovens e as suas relações com quem os rodeia constitui um fio condutor do seu trabalho, caracterizado pelo despertar da sexualidade. Anthony retrata personagens universais, com as quais qualquer pessoa se pode identificar, de forma estilizada, com pouco diálogo e com atenção às emoções difíceis de expressar. A sua primeira curta-metragem, *Kiss Me Softly*, foi um verdadeiro favorito em festivais, vencendo prémios em festivais internacionais em todo o mundo. Seguiram-se mais três curtas-metragens: *Follow Me*, *Petit Ami* e *Hello, Stranger*. Em 2020, realizou *Alive*, uma série para o canal público belga VRT, com Joke Emmers e Michäel Pas, numa produção da Polar Bear. A série juvenil *Panna* estreou em 2021, exibida na plataforma Goplay.be (SBS Belgium), e acompanha quatro jovens raparigas que perseguem o sonho de se tornarem futebolistas nas ruas de Antuérpia.

L'Homme Inconnu é a sua mais recente curta-metragem, filmada em 16mm em Cavalaire-Sur-Mer. Teve estreia no Film Fest Ghent (Bélgica), em 2021. Seguiu-se a série *2de Zit* para a plataforma belga Streamz e, mais recentemente, realizou a série irlandesa *Northern Lights* para a Lionsgate.

A sua longa-metragem de estreia, *Young Hearts - O Primeiro Amor*, também produzida pela Polar Bear, teve estreia na secção Generation Kplus da Berlinale.

A still from the movie 'Young Hearts' showing two young boys in a hallway. The boy on the left is wearing a blue t-shirt and has dark, wavy hair. The boy on the right is wearing a teal t-shirt and has short, dark hair. They are both looking towards each other with serious expressions. The hallway has wooden walls and a window in the background.

À primeira vista, *Young Hearts* parece assemelhar-se a *Close*, de Lukas Dhont — tanto pelo cenário numa pequena localidade rural belga como pelo foco em dois rapazes no início da adolescência que tentam perceber os limites delicados entre amizade e romance. Mas, olhando mais de perto, a longa-metragem de estreia do realizador flamengo Anthony Schatteman revela-se muito mais próxima de referências como *Heartstopper* ou *Love, Simon*, totalmente desprovida da dimensão trágica do drama nomeado para o Óscar de Dhont.

O impressionante estreante Lou Goossens interpreta um rapaz de 14 anos lançado numa confusão emocional pela atração que sente por um novo vizinho, num filme cuja positividade *queer* deverá funcionar como um bálsamo para jovens LGBTQ+ que lutam com a sua sexualidade, bem como para pais que têm dificuldade em aceitar.

Isso não significa que os conflitos habituais de isolamento, rejeição inicial e medo de estigmatização estejam ausentes. Mas um dos principais trunfos de *Young Hearts* é a sua representação sincera do *coming out* num ambiente de apoio, desenrolando-se em cenários bucólicos banhados por um magnífico brilho de verão. Embora Schatteman não fuja à sentimentalidade e até se incline por vezes para o cliché, o filme triunfa graças à sua ternura e autenticidade emocional.

Young Hearts tem um excelente aspeto visual; as sequências dos rapazes a pedalar por estradas rurais funcionam como uma pontuação delicada. E as poucas cenas em Bruxelas usam os esplendores arquitetónicos da capital histórica para sugerir subtilmente porque é que Alexander, apesar de ter a mesma idade, é emocionalmente mais evoluído do que Elias.

O elemento que une toda a história é o notável Elias de Lou Goossens, cujos silêncios, tanto quanto a sua intensidade crua, revelam o turbilhão que o consome por dentro. O percurso do rapaz rumo à compreensão de si próprio e dos seus desejos tocará qualquer pessoa que alguma vez tenha lutado com a auto-aceitação."

David Rooney, Junho 2024. The Hollywood Reporter





Contactos

Lou Loução / Distribuição

962199571

distribuicao@zeroemcomportamento.org

ZEROEMCOMPORTAMENTO.ORG



|||||
ZERO
EM COMPORTAMENTO

X PROJECTOS
PARALELOS

[Pb] polar-bear.tv



KWASSA



Flanders
for the Arts

SCREEN
FLANDERS

NL FILM
INCENTIVE

sabam
for culture



mohow!

flanders



be tv

FILMS Boutique

